

Isabella Raposo/Divulgação



'O Nome do Rato', com Gustavo Barbalho e Ricardo Santos, resgata histórias reais de pessoas em situação de rua para conduzir o espectador a uma reflexão sobre invisibilidade e exclusão nas sociedades modernas

Quando a rua invade o palco

Há histórias que a cidade insiste em esconder. Corpos que atravessam calçadas como se fossem transparentes, vidas inteiras reduzidas a estatísticas ou, pior ainda, ao silêncio. É justamente desse território — onde a exclusão se naturaliza e a indiferença se torna rotina — que nasce “O Nome do Rato”, espetáculo em cartaz na Casa Tão Brasil que propõe um exercício radical de escuta e presença. Não se trata de uma representação sobre pessoas em situação de rua, mas de um encontro mediado pelo teatro, onde a ficção cede espaço à urgência do real.

A montagem acompanha a traietória de um diretor teatral que, ao se deparar com aqueles que habitam os espaços esquecidos da metrópole, vê suas certezas artísticas ruírem. E o que poderia ser simplesmente um espetáculo sobre exclusão social transborda como interrogações éticas: como falar do outro sem transformá-lo em objeto? Como criar arte a partir da dor alheia sem cair na tentação do voyeurismo? Essas questões atravessam toda a dramaturgia, assinada por Ricardo Santos e Caroline Lavigne — dupla que

já havia explorado temas sensíveis em “Cuidado Quando For Falar de Mim”, trabalho premiado sobre HIV e estigma.

O processo criativo de “O Nome do Rato” se sustenta em extensa pesquisa de campo. Durante meses, a equipe conversou com profissionais da saúde, assistentes sociais e, principalmente, com pessoas que vivem nas ruas — depoimentos que estruturaram a própria dramaturgia. O espetáculo articula recursos do teatro documental e do teatro de objetos, criando uma linguagem cênica em que relatos pessoais dos atores Gustavo Barbalho e Ricardo Santos se entrelaçam com as vozes colhidas na cidade. A advogada de direitos humanos Regina Bueno assinou o apoio técnico, garantindo rigor e responsabilidade no tratamento das informações colhidas para a realização do espetáculo.

Sob a direção de Deisi Margarida e Ricardo Santos — este último indicado ao Prêmio Shell em 2019 —, a encenação recusa realismos convencionais. A rua não é reproduzida cenograficamente, mas evocada através de objetos, projeções e, sobretudo, da palavra. Ou seja, em vez de simular a miséria, o espetáculo cria um espaço de reflexão sobre ela.

Espetáculo ‘O Nome do Rato’ transforma depoimentos reais em dramaturgia na seara do documental que questiona invisibilidades sociais

Os números que contextualizam a montagem são alarmantes. Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), a população em situação de rua no Brasil cresceu 935,31% nos últimos dez anos. Não se trata apenas de crise habitacional, mas de uma política deliberada de abandono. Para aprofundar essa discussão, “O Nome do Rato” evoca o conceito de necropolítica, formulado pelo filósofo camaronês Achille Mbembe que examina como o Estado exerce poder ao decidir quais vidas merecem proteção e quais podem ser descartadas.

Um dos momentos mais potentes do espetáculo acontece no desfecho, com a participação especial de Leo Motta, escritor e palestrante que viveu em situação de rua e que compartilha sua própria trajetória.

Desde sua estreia, “O Nome do Rato” vem construindo uma

e Murillo Medeiros, completam a ambientação cênica criada por Maddu Costa e Ricardo Santos, que também assina o figurino. Eugênio Oliveira desenhou a luz, elemento fundamental para construir as atmosferas que transitam entre o documental e o poético.

“O Nome do Rato” não oferece respostas fáceis nem redenções instantâneas. Ao contrário, aposta na desestabilização, no desconforto necessário para que o espectador reveja suas próprias certezas, levando-o a se perguntar o que ele tem a ver com isso?

Quando nos vemos em meio a uma sociedade que se desumaniza e dissemina ódio e preconceito que naturaliza desigualdades, “O Nome do Rato” nos provoca exigindo uma escuta atenta, o compartilhamento de dúvidas. Ainda que não resolva a questão concreta da população em situação de rua, o espetáculo erige um espaço onde essas vidas invisíveis passem a ser vistas.

SERVIÇO

O NOME DO RATO

Casa Tão Brasil (Rua Joaquim Silva, 77, Centro)
Até 8/12, segunda, às 20h
Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)